

Percepções dos professores em relação às Inovações em Sala de Aula

*Edilene Aparecida Soares de Oliveira**
*Edna César Gonçalves**
*Núbia Fabiane dos Anjos**
*Thays Ferreira Reis**
*Jussara Maria de Carvalho Guimarães***

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar as experiências obtidas durante observações sobre as propostas inovadoras da prática docente nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Montes Claros/MG. A partir de uma breve caracterização da escola, da investigação e da análise de questionários, fez-se necessário a discussão e reflexão desse tema atual, mas tão pouco utilizado nas escolas. A inovação é um aspecto importante na melhoria do ensino e na relação professor-aluno, porém distante da realidade da escola pública. Por último consi-

* Acadêmicas do 4º período de Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES.

** Pedagoga/UNIMONTES, especialista em Supervisão Educacional/PUC-MG, mestra e doutoranda em Geografia Educação Ambiental/UFU-MG, professora/ UNIMONTES, coordenadora da Coordenadoria de Educação a Distância e do Pólo Universitário de Educação Infantil.

derou-se que deve haver a interação entre universidade e a escola para promoverem projetos que amenizem as dificuldades enfrentadas na atual situação.

Palavras-chave: Inovação. Professor. Prática pedagógica. Escola pública.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas pelas acadêmicas do 4º período do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, da disciplina Prática de Formação/ Articulação, ministrada pela professora ms. Jussara Maria de Carvalho Guimarães, no período de setembro a novembro de 2006, realizado em uma escola pública da rede municipal nas séries iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Montes Claros/MG.

Este trabalho buscou observar as propostas inovadoras da prática pedagógica docente, entendendo o conceito de "inovação" como

melhoria colaborativa da prática docente. Não se trata de uma melhoria individual, senão compartilhada, em colaboração. Por outra parte, a inovação não é somente um processo de mudança externa, mas também interna dos agentes envolvidos: professor e aluno.

Falar de inovação é falar de formação de atitudes, habilidades e hábitos, conduzir estratégias, prever e superar resistência, conhecer processos, encarar conflitos, criar climas construtivos (LA TORRE, 2002, p. 14).

Vários são os conceitos encontrados sobre inovação e diversos autores a caracterizam de forma a demonstrar a sua importância na prática docente, assim como na escola.

Diante disso é importante observar que para desencadear o processo inovador na escola é necessário que o professor tenha um perfil adequado respaldado por apresentar flexibilidade de ações, comprometimento com sua formação profissional, valorização do trabalho em equipe, utilização de recursos tecnológicos, autonomia ao tomar decisões, dentre outros.

Sendo assim, a inovação representa um tema de relevância no cenário educacional e de grande importância para a formação do pedagogo. Para a consecução do objetivo acima descrito, elegemos uma metodologia específica, em que iniciamos a investigação com um processo de observação objetivando averiguar se a mesma é aplicada no cotidiano da sala de aula, portanto foi de fundamental relevância para realização deste trabalho os conhecimentos adquiridos na academia através de debates, leituras de textos e orientação da professora.

Foi aplicado para 2 professoras, sujeitos da pesquisa, no período de setembro a novembro de 2006, um questionário estruturado apresentando 19 perguntas subjetivas e 01 objetiva. Optou-se em denominar as turmas utilizando as letras A e B mantendo assim o sigilo absoluto dos dados coletados. Após a coleta dos dados, foi realizada a análise que será apresentada no próximo item.

2 Caracterização do espaço escolar

Procedeu-se no período de setembro a novembro de 2006 uma investigação em sala de aula, numa escola pública da rede municipal de Montes Claros-MG. Esta foi realizada através de observação e aplicação de um questionário às docentes observadas.

A escola observada atende no período matutino e vespertino 17 turmas de Ensino Fundamental (séries iniciais) com

445 alunos e 4 turmas - 5ª série - com 111 alunos, não possui Ensino Médio regular, porém funciona no período noturno a suplência de 1ª a 4ª série(ensino fundamental) com 30 alunos e o Telecurso 2000 de 1º e 2º graus, com 50 alunos.

A instituição apresenta em seu quadro de pessoal 6 profissionais no setor administrativo, 2 supervisoras pedagógicas, 25 professores docentes e 4 professores exercendo a função de eventual. A escola possui colegiado e um grêmio estudantil, a organização é dada por ciclos e séries. Quanto à avaliação, é adotada uma ficha individual do aluno com conceitos e observação do professor. O sistema de recuperação é feito paralelamente e também trimestralmente.

A formação continuada dos professores dessa instituição é feita através de ciclos de estudo, o projeto político-pedagógico encontra-se em andamento, nele prioriza-se o desenvolvimento de um trabalho com qualidade e inclusão dos alunos.

A adaptação de currículo inclusivo se faz necessário na medida em que se tem apresentado como campo de reflexão num discurso universal de pluralidade. Nesse contexto, Franco (2000, p.74) acredita que "a educação tem papel crucial nesse contexto na medida em que é tida como um poderoso instrumento para desenvolver sentimentos de tolerância e aceitação entre os indivíduos".

2.1 Desvendando a sala de aula- Protocolo de observação

No período de 24 a 30 de outubro de 2006, realizou-se uma observação em sala de aula para investigação das propostas inovadoras da prática pedagógica em uma turma da fase III do Ensino Fundamental, seguindo um protocolo específico para a observação, a qual será relatada.

Na sala A, o espaço estava organizado com as carteiras dispostas em fileiras, nas quais os 24 alunos estudam. Os assuntos apresentados nas discussões dos educandos foram sobre temas variados que não faziam parte do conteúdo. Na maioria do tempo, as crianças ficavam conversando e se locomovendo na sala, estas tem linguagens próprias com vocabulário diferenciado.

Em algumas situações notou-se que, quando um dos colegas falava algo que o grupo não concordava, eles usavam a expressão “vacilo” e na maioria das vezes uma das crianças se levantava e desferia um tapa na cabeça daquele que cometeu a falha. Sobre a questão do diálogo entre alunos e professora, na maioria das vezes, esta mostrou uma conduta autoritária, inibindo a participação dos educandos, eles são meros executores e expectadores.

Carbonell (2002, p. 38) aponta que para ter uma boa relação e comunicação na sala de aula é necessário

um clima aberto e estimulante que propicie o desenvolvimento da subjetividade e a eclosão de experiências, desejos e contradições de cada aluno e aluna; e que nos ajude a conhecer-nos um pouco mais e a conhecer e respeitar as outras pessoas, sem preconceitos e em termos de igualdade. Tudo isso contribui para enriquecer a própria individualidade e o apego e coesão do coletivo.

A professora desempenha em sala de aula um perfil tradicional, porém em algumas situações didáticas ocorreu a interação dos conteúdos com fatos vivenciados no cotidiano, como em um dia que a professora começou a explicar sobre as plantas, lembrando um passeio que as crianças fizeram ao parque municipal, onde os alunos reconheceram vários tipos de plantas, participaram falando sobre as plantas que tinham em suas casas, em seguida foi distribuída uma atividade mimeografada que verificava o co-

nhcimento dos alunos em relação a esse assunto.

A docente sempre os disciplina em relação a hábitos e conduta para a convivência em sala de aula e com os familiares. Nos dias letivos observados, verificou-se que não havia uma diversidade de informações e de recursos no desempenho das aulas. Os educandos não são instigados a construir seu próprio conhecimento através de situações-problema, sendo assim os alunos não possuem o costume de indagar e esclarecer as dúvidas. Carbonell (2002, p. 41) nos alerta que: “A função dos professores é criar condições para provocar uma reação fluida e significativa com o conhecimento mediante o máximo desenvolvimento das potencialidades dos alunos”.

A professora não supervisiona as atividades freqüentemente, inclusive, em um dos dias em que aplicou-se um exercício de matemática, no momento da correção, ela resolveu cada questão no quadro perguntando aos alunos suas respostas, porém quando estes erravam não havia discussão sobre as dificuldades apresentadas, pontuava que eles já sabiam a matéria sendo capazes de fazer os exercícios sozinhos. Alguns não fizeram a atividade, uma das alunas teve muita dificuldade mas a professora não concedeu assistência individual. O trabalho em grupo no tempo da investigação não foi averiguado, as atividades foram desenvolvidas individualmente.

Quando os alunos demonstravam interesse em discutir e debater certas questões a professora não proporcionava aos mesmos esse espaço, tolhendo a sua curiosidade e autonomia, isso foi verificado em uma aula numa atividade de português, foi distribuído um texto com o título *Ser Criança* e questões referentes à interpretação do texto. As crianças respondiam quando eram solicitadas, todavia um dos alunos teve uma outra interpretação e a professora não lhe deu atenção, como se ele estivesse errado, neste momento ela poderia abrir uma discussão, instigá-los a expor suas opi-

niões, debaterem, buscarem outras fontes, mas ela prefere fingir que nada aconteceu e seguir sua aula sem estímulos para despertar o interesse dos alunos.

A maneira pela qual os alunos se agrupam em sala de aula e no recreio baseia – se no critério de gênero, isso é uma característica da fase pesquisada (9-10 anos), conforme Enderle:

Em termos de convívio social, ressalta nessa idade a dificuldade que as crianças têm em aceitar o sexo oposto. Os meninos ostensivamente rechaçam as meninas e tornam-se até violentos com elas; sentem-se incomodados com a presença das meninas (1987, p. 69).

Percebe-se então que devido a esse fator psicológico, meninos e meninas tendem a se socializar em grupos de iguais, onde os valores dos outros prevalecem sobre os pessoais, tendo seus comportamentos ditados por regras estabelecidas por eles mesmos.

Houve 2 atividades avaliativas escritas para verificação da aprendizagem. No momento da primeira avaliação os alunos se mostraram inquietos com conversas paralelas, alguns procuravam a professora para tirar dúvidas sobre as questões. Demonstraram falta de atenção em alguns momentos, nas conversas com os colegas tentavam tirar dúvidas sobre o exercício e pegar material emprestado. O tempo de duração da prova foi de aproximadamente 40 minutos, sendo que a professora chamava cada aluno para entregar a sua avaliação. Depois de recolhida a avaliação ela teve uma conversa com os alunos sobre sua observação em relação a mesma, da dificuldade dos alunos e da falta de atenção dos mesmos. Já na segunda avaliação, a docente enfatizou que não avisou sobre o teste para diagnosticar quem estava tendo o interesse de estudar em casa as matérias ensinadas em sala de aula.

As aulas ministradas não apresentam um roteiro definido, não tendo seus objetivos claramente explícitos e nem sempre relacionam o conteúdo com os conhecimentos prévios vivenciados pelos estudantes.

A professora é assídua e pontual demonstrando atitudes de profissionalismo em relação às regras da instituição.

O processo de observação da sala de aula B, fase II do Ensino Fundamental ocorreu no período de 30 de outubro a 07 de novembro de 2006. Percebeu-se que a sala é um ambiente organizado, arejado e com boa iluminação. A professora possui um certo controle da turma e apresenta um perfil autônomo ao impor critérios para a realização das atividades, ao esclarecer dúvidas e proporcionar diversas informações ampliando assim o conhecimento dos seus educandos, além disso, ela exemplifica cada atividade facilitando a compreensão da turma, propõe situações de desafios levando o aluno a usar seu próprio raciocínio e buscar soluções para seus problemas, supervisiona todas as atividades observando a participação e compreensão de cada um e ainda dialoga com os alunos tanto a respeito da matéria como de outros assuntos externos.

Apesar de apresentar vários aspectos de um educador autônomo a professora observada mostrou uma certa autoridade e rigidez sobre os alunos, uma vez que ao chamar a atenção deles, fazia de forma grosseira e até estúpida, contradizendo seu perfil de educador autônomo que valoriza o aluno como agente ativo, crítico e sujeito da instituição. O professor deve ser firme, porém usar de autoritarismo para manter a organização e disciplina da turma é oprimir e desrespeitar o aluno, como esclarece Vasconcellos (2002, p. 51):

Temos aqui uma questão cultural muito séria: o autoritarismo está impregnado nas relações e, o que é pior, não nos damos conta dele [...] o educador deve

ter uma presença marcante, ser uma forte referência para a coletividade; não é ser tirano nem omissivo: é ter proposta e dialogar.

Os alunos mantinham um diálogo amigável e variado, em que na maior parte do tempo os meninos se relacionavam com meninos e as meninas com meninas, sempre competindo entre eles quem seria o primeiro a finalizar suas atividades, e ainda sugeriam algumas alternativas de aulas e avaliações diferenciadas como: trabalhar as matérias de português e matemática em dias alternados e ampliar os estudos de ciências e geografia tornando as aulas menos cansativas, sugeriam também a aplicação de avaliações em grupo ou dupla. A maioria dos alunos é participativa e possui autonomia quanto à realização de suas atividades, eles brincam, participam e expõem suas idéias e opiniões, porém há uma minoria que apresenta um desenvolvimento mais lento e dependente, sendo muitas vezes ignorados pelos colegas e também pela professora, ou seja, são considerados o "problema" da turma.

Nota-se as diferenças existentes entre uma turma e outra em uma mesma escola, a forma que os alunos interagem entre eles e a professora, a maneira como se trabalha os conteúdos em sala de aula mostrando que dentro da sala de aula é um espaço que cabe ao professor administrar e mediar as relações existentes, principalmente a de ensino-aprendizagem.

3 As Inovações percebidas em sala de aula:

Análise dos dados

Aplicou-se o questionário a professora da sala A, que leciona todas as disciplinas para a fase III.

Ao responder sobre a definição de inovação, tanto na teoria quanto na prática, a professora pontua que a mesma é ne-

cessária principalmente na educação, pois é através de uma prática pedagógica inovadora que formaremos educandos críticos. Entretanto percebeu-se que durante a observação da sua prática cotidiana a docente não utilizou de inovações, isso refletiu na atitude dos alunos, que não se mostraram críticos e autônomos.

Nesse sentido, Carbonell (2002, p. 38) enfatiza que acontece:

o esquecimento dos alunos, apesar de serem os destinatários da educação, e das escolas serem instituições de integração. É surpreendente até que ponto se esquece o essencial: o sujeito - menino ou menina - que freqüentemente se converte em mero objeto [...]. Sua situação de marginalização e exclusão de diversos âmbitos de colaboração e participação, a ignorância em relação à sua história e identidade.

Sendo assim uma abordagem inovadora proporcionaria aos alunos uma maior participação, incitando-os a descobrir e buscar maneiras diferentes de resolução para os problemas propostos no cotidiano escolar. Os professores não devem ser distribuidores de conhecimento, mas um mediadores da aprendizagem.

A professora, respondendo os objetivos da inovação, situou-os no ambiente específico da sua sala de aula contextualizando, dizendo que esses seriam para identificar as finalidades e funções da leitura através de jogos. Para efetivação da inovação na escola são envolvidos alunos, professores, diretora, apoio pedagógico e a supervisora, sendo que o grau de envolvimento dos participantes é considerado satisfatório. Foram utilizados como registro relatórios e tabelas.

Sobre a questão das estratégias usadas pela docente para operacionalização da inovação, a mesma omitiu-se em responder, evidenciando que a inovação não é uma prática

constante na sua ação pedagógica.

Em relação as dificuldades enfrentadas em sala de aula, foi citada a indisciplina dos alunos. Esse fato pode ser verificado na observação: os estudantes, na maioria das vezes, tumultuavam as aulas com conversas paralelas mostrando-se desinteressados em relação aos conteúdos propostos.

A docente apenas mencionou que a inovação levou os alunos a aprenderem melhor, não descrevendo a maneira como isso efetivamente acontece. A necessidade de inovar partiu do interesse dos alunos, que a aceitaram com entusiasmo.

Quanto o envolvimento de outras turmas da escola no trabalho de inovação, apontou-se que todos participaram desse processo, sendo que o resultado é maior participação e interesse dos alunos em sala de aula, com uma maneira diferente de se ensinar estes aprendem melhor e isso se reflete nos resultados das avaliações.

A professora enfatizou que a inovação lhe proporcionou a reflexão da sua prática pedagógica, favorecendo a comunicação entre os diferentes segmentos da escola. A administração escolar intervém com métodos inovadores através de confecções de materiais, apoio e assessorias da supervisão e direção. Diante disso não sentiu falta de nada na operacionalidade da inovação em sala de aula.

No questionamento acerca de mudanças de posturas pedagógicas nos colegas e como esta é percebida, foi respondido que houve mudanças de postura, visto o entusiasmo de todos os agentes envolvidos. Essas modificações puderam ser avaliadas através de relatórios, debates, registros escritos e produções de textos. A docente estimula outros colegas a inovarem a sua prática pedagógica afirmando que *"a inovação faz parte da nossa prática e não podemos ter medo de inovar"*.

Diante da análise dos dados coletados, percebe-se uma incoerência entre o que a professora disse e as ações exercidas durante a observação.

Segundo Carbonell (2002, p. 38):

Existe uma falta de coerência entre o discurso e a prática. A maioria dos professores aceita que é preciso inovar e educar em valores democráticos, mas se converte em minoria quando se trata de concretizá-los nas classes e no processo ensino e aprendizagem. Questão de métodos, mas sobretudo, de vontade e atitudes.

Não basta somente conhecer a respeito de inovação ou executar as metodologias orientadas pela administração da escola, mas é preciso adaptar esses conhecimentos e métodos na realidade da sala de aula, pois é nesse espaço, na interação professor e aluno que realmente se efetivará a inovação.

Ao entrevistar a professora da sala B acerca da inovação obteve-se a seguinte resposta:

Para mim, inovação é algo muito além, muito distante do que fazemos. Passar um vídeo, construir jogos, dar aulas em um ambiente fora da escola, como no zoológico ou em outras situações parecidas não é inovação, ou melhor eu não considero uma inovação, mas práticas do nosso cotidiano, ou seja é parte comum em nossas aulas. Por isso, prefiro não responder o questionário, pois não saberia o que dizer, já que não considero minhas práticas inovadoras.

A partir da fala dela nota-se que o significado de inovação ainda é vago para algumas pessoas, uma vez que a professora não considera a inovação como ela é, mas como algo distante da nossa realidade. Nesse sentido Hord apud Hernández et al (2000, p.19) assinala que uma inovação é:

Qualquer aspecto novo para um indivíduo dentro de um sistema. Isto pode implicar que o que é inovação para uma pessoa pode não sê-lo para outra dentro do mesmo sistema. [...] A definição do que constitui uma inovação resulta da confluência de uma pluralidade de olhares e opiniões que procedem dos que têm algum tipo de relação com ela.

Na verdade a inovação é muitas vezes uma questão de atitude, habilidades, saber conduzir estratégias, encarar conflitos entre outros aspectos comuns do profissional educador. Assim, inovar significa mudança de posturas docentes em relação à sua prática cotidiana, que com certeza haverá o reflexo do seu trabalho no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

4 Considerações Finais

A partir da investigação e observação, notou-se a ausência de inovação na prática docente ou ainda que essa não é claramente compreendida por alguns professores, que as aplicam em seu cotidiano escolar, porém não as consideram como inovadoras, prevalecendo na ação pedagógica uma postura tradicionalista e opressora por falta de informação ou até de comodismo do educador.

A falta de recursos na escola pública reforça a idéia de que falar de inovação é algo cada vez mais distante e fora da realidade, mas ela está presente em pequenas ações. Nesse sentido, é preciso a formação para o desenvolvimento profissional docente de acordo com o que entende La Torre (2002, p.14):

Formar é ajudar a tomar consciência das próprias atuações e como melhorá-las. A investigação é outro fator preponderante na mudança e melhoria da ação educativa porque trata-se de observar e conhecer a própria prática identificando as estratégias que produzem melhores resultados.

Neste contexto é viável que a escola e universidade caminhem juntas num trabalho mútuo relacionando teoria-prática na construção de projetos de intervenção, nessa perspectiva Carbonell (2002, p. 36) alerta que:

A universidade, salvo exceções muito louváveis, costuma dançar ao som de músicas muito pouco conectadas com a realidade escolar. Se alguém tem a paciência de folhear os sumários das dissertações e teses de doutorado, realizadas nos últimos anos em qualquer Faculdade de Educação, se dará conta da escassa sensibilidade e preocupação que existe para averiguar o que ocorre na escola e nas classes, por que as escolas mudam tão pouco, para onde caminham as inovações ou o que pensam os alunos e os professores.

Nesse sentido, a universidade estaria orientando presentes e futuros educadores para uma formação integral respaldada em mudança e criatividade. Quanto à educação e criatividade, La Torre (2002, p. 80) acredita que: "Educar na criatividade é construir o futuro". Assim, o docente inovador tem que querer fazer, superar desafios, ousar e construir.

Referências

CARBONELL, Jaume. *A aventura de inovar. A mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ENDERLE, Carmen. *Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FRANCO, Monique. Os PCNs e as adaptações curriculares para alunos com necessidades educacionais especiais: Um debate. *Teias*, Rio de Janeiro, ano I, n.2, p.74-82, jul./dez. 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando *et al.* *Aprendendo com as inovações nas escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LA TORRE, Saturnino de; BARRIOS, Oscar. *Curso de Formações para Educadores*. São Paulo: Madras, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano de sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2002.